



de cinzas e diamantes

A semelhança de outros países latino-americanos, a Argentina se caracterizou nos últimos anos pela instabilidade política causada pelas sucessivas intervenções militares em sua história presidencial.

A década de 60, no entanto, começa otimista com a expectativa de que o país registraria um grande progresso. Década da euforia, das manifestações artísticas inovadoras, do pop-art, dos Beatles, dos hippies, dos astronautas: a Argentina não fugiu à regra. Alguns governos, como o do presidente Frondizi, justificavam esse otimismo com suas metas desenvolvimentistas mas que não chegavam a realizá-las devido ao seu afastamento.

A esperança de progresso e de inovação renasce, em suma a cada presidente que subia ao poder e que era posteriormente afastado por não promover o desenvolvimento prometido, aumentando a impaciência da população. Isso justificou em parte os golpes que derrubaram sucessivamente Frondizi, Illia, Onganía e Lanusse. Por outro lado, o desejo progressista é alimentado pela sociedade argentina que, insatisfeita, entra em crise e em desordem. Indecisa sobre o que quer para seu país, divide-se entre experiências econômicas de distribuição de renda e experiências econômicas de aumento de produção. Ambas falham e a instabilidade continua na década seguinte culminando com a tomada do poder pelas juntas militares, em 76, sob o pretexto de se pôr ordem ao país. Há um endurecimento total, o afastamento da população e de seus representantes das decisões políticas, um controle exagerado das atividades, o aniquilamento da oposição. O desastre que significou a Guerra das Malvinas, fruto de incompetência e erros militares, ferindo a população civil e endividando enormemente o país, contribui para a volta à democracia.

Laila Y. Massuh, correspondente da AU em Buenos Aires, entrevistou o historiador Félix Luna, autor de uma vasta obra sobre a história argentina, diretor da revista "Todo es Historia", o poeta e romancista Nicolás Córaco, secretário de redação do jornal "La Nación" e o arquiteto Juan Molina e Vedia, professor de Arquitetura da FAU/BA e editor da revista *Trama de Arquitetura*. Eles traçaram um panorama desse período:

O historiador Félix Luna explica à AU uma das causas da instabilidade argentina nessas duas últimas décadas: a perda da consciência social de duas importantes entidades: as Forças Armadas e os Sindicatos.

Para ele, as Forças Armadas adotaram o papel de tutela do país, e o movimento operário, o de vanguarda do peronismo, distorcendo o sistema social. E é muito difícil um país funcionar, diz Félix Luna, quando essas duas corporações atuam erroneamente e não cumprem a sua função: os militares, defender a soberania nacional, e os sindicatos, as reivindicações sociais. "Essas duas corporações estiveram unidas em todos os governos nos últimos vinte anos. A aliança, já iniciada no primeiro governo de Perón, permanece nos seguintes, sendo renovada pelas juntas militares. Ao inverter seu papel, sindicatos e militares trazem o caos à sociedade."

"A democracia, prossegue Félix Luna, está tentando ordenar a vida do país, tarefa que não é fácil pois em pouco tempo não se pode eliminar todos os resquícios da situação anterior. Mas, atualmente, as Forças Armadas estão conscientes de seu papel de aliado do poder civil, sendo que agora o Ministro da Defesa é civil. Creio que o movimento sindical está se desgastando numa luta evidentemente política, que vai terminar afastando as antigas lideranças, permitindo que surjam outras mais realistas."

"Não se entende um movimento operário que faz seis greves durante a democracia e nenhuma na ditadura"

Ele considera, no entanto, que a própria oposição está amadurecendo e o peronismo já não significa uma alternativa tão catastrófica. Sem a vida, a volta à democracia constitui o fato mais importante deste fim de século na Argentina.

A cultura, que atravessou os anos 60 com otimismo e desejo de renovação, sofre na década seguinte os efeitos do autoritarismo. Que, com um controle exagerado sobre as atividades dos intelectuais, inverte as Universidades, expulsa professores, persegue opositores.

Gregório Weinberg, ex-membro da Unesco, assinala que a Argentina nos anos 70 perde sua influência cultural junto aos países da América Latina, cedendo lugar ao México e ao Brasil.

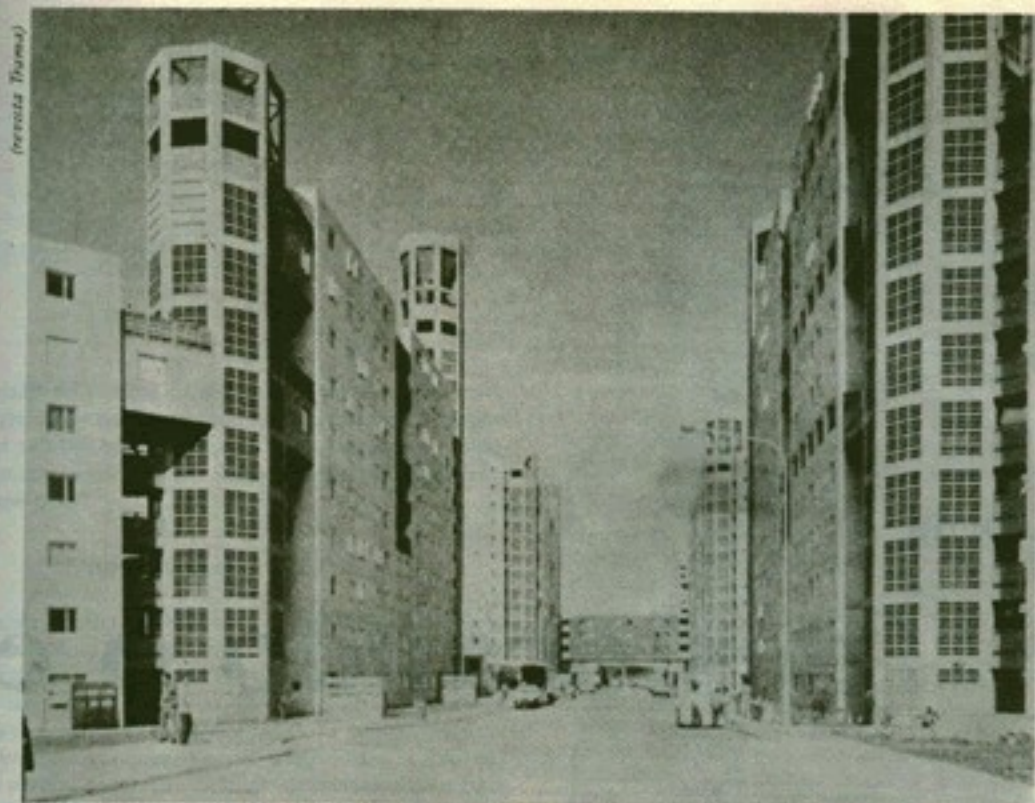
Assim, há uma notável redução nas matrículas universitárias, algumas publicações científicas deixam de se editar, considerável número de críticos, pesquisadores, professores abandonam o país por segurança pessoal, por não concordarem com o governo ou por melhores perspectivas de trabalho. Há um certo empobrecimento cultural e a impossibilidade de se expressar livremente.

Mas a cultura não morreu e não se interrompeu totalmente a produção literária. Segundo resalta Nicolás Córaco os que permaneceram no país, embora não apoiassem o governo, continuaram a escrever, a publicar e a traduzir obras. Não se perdeu o contato com a Europa e os Estados Unidos e, fundamentalmente, não se perdeu a raiz latino-americana. Borges, por exemplo, sentia uma grande admiração pelos poetas da língua inglesa e divulgou muitos deles. Outros escritores traduziram poemas alemães e o próprio Nicolás Córaco traduziu para o espanhol a obra de Odissea Elitys.

"Foram duas décadas, comenta, marcadas pela presença de escritores de peso. A figura de Borges foi tão definitiva para a Argentina e América Latina quanto a de Ruben Dario para o modernismo. Um autor exemplar, um homem que estava acima do pensamento de seu país e por isso considerado, por quem não o soube compreender, um alienígena. Trabalhou com uma precisão não igualada os temas comuns à literatura latino-americana: os sonhos, o fantástico, a polêmica, o pesadelo. E está entre os maiores escritores do nosso continente ao lado de Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Carlos Fuentes, García Marques, Vargas Llosa."

"Ao lado de Borges outros escritores continuaram a escrever: Elio Sábato, autor do polêmico "Sobre Heróis e Túmulos", Cortázar que, mesmo vivendo no Exterior tem sua produção inteiramente ligada a seu país; Ricardo Molinari na poesia lírica; Adolfo Bioy Casares, na literatura fantástica; Alberto Girri, na poesia de vanguarda; María Angélica Bouché, romance policial; Eduardo Gudinho Kieffer e Marco Denevi, no romance de costumes," exemplifica Córaco, que defende: "Não podemos esquecer que estamos na América do Sul. Somos uma árvore, mas a pátria ramagem está na cultura universal".

A Argentina no entanto sofreu os efeitos de seu isolamento em relação aos demais países do continente. Daí, Córaco considera de suma importância estimular o intercâmbio cultural entre nosso país. "Juntos, somos frágeis. Juntos podemos decidir o destino de nosso continente e evitar que governos antidemocráticos se instalem novamente. A cultura pode afastar o conteúdo de violência que ameaça as nossas sociedades."



conjunto habitacional, Buenos Aires, 75

A Arquitetura entre a utopia e a repressão

Quinto Juan Molina e Vedia faz uma reflexão sobre a Arquitetura argentina desses últimos 20 anos, fazendo uma distinção entre as décadas de 60 e a de 70.

Os anos 60 caracterizaram-se pela idéia de progresso, de otimismo e de busca no desenvolvimento tecnológico. "Era a época de James Bond, a tecnologia que iria revolucionar a Arquitetura. Eu era recém-formado e com um grupo havíamos fundado uma Faculdade de Arquitetura no Brasil. Na ocasião Frondizi era presidente, um governo desenvolvimentista que havia imprimido um alto nível na Universidade, de onde saíram projetos de vanguarda mas desligados da nossa realidade. Foi um erro superficial porque não foi resultado do nosso progresso técnico ou material, mas uma cópia de modelos importados".

As influências, segundo o arquiteto, marcaram essa década: a do inglês Ashigram, jovens com grande energia criadora, muito otimismo e sentido de humor. Projetam a "Walk City", a cidade nômade, que recita a construção de pedra fixa. Desenham muito, vendem imagens que são copiadas pelos nossos estudantes de Arquitetura e o que aqui são caricaturas, já que a proposta da "cidade que anda" não foi compreendida e nada tinha a ver com a nossa realidade.

A segunda influência: a do Metabolismo japonês, com o seu projeto de "cidade adaptada" (*plung city*), uma base fixa e elementos que se vão juntando a essa estrutura à medida que se necessitasse aumentar o número de unidades. Uma solução para um país populoso e de pouco espaço, mas para a Argentina despovoada e extensa, enfatiza Molina. Não é de ser uma arquitetura que exigia alta tecnologia para a sua realização. Já saíram alguns projetos de hiperconjuntos habitacionais e estacionamentos de ônibus.

A terceira influência é marcada pelo francês Iona Friedman, autor do conceito espacial da cidade de Paris, a cidade suspensa. "Coisa de ficção científica, de história em quadrinhos, diz Vedia, muito cara e difícil de realizar e que foi utilizada por uma classe média universitária, que sonhou. Mas o sonho durou pouco e já na década seguinte essa imagem desapareceu, assim como as suas construções e bairros, hoje em ruínas."

Anos 70: o sonho acabou...

Os anos 70 conhecem uma situação pior, com os desacertos na economia argentina e a ausência de um plano de desenvolvimento para o país.

Com as juntas militares, em 76, chega-se ao auge da destruição e dos saques. "Essa é uma época, afirma Vedia, dos empreendimentos rápidos, com fim de lucro, sem critério estético e sem qualidade, sem responsabilidade e de impunidade. Resultou em grande endividamento e não deixou nada realizado. O que se fazia era a venda de artigos de Taiwan, viagens à Miami, jogo financeiro. "Foi pior que a dominação inglesa do final do século passado, pois esta ao menos deixou portos, estradas, armazéns. Enquanto que os militares apenas saquearam, nada mais. Por isso, esse é o maior período de inconsciência e devastação; seus edifícios estão todos em ruínas, inabitáveis e os bairros populares em total decadência."

É de opinião que tudo isso deve ser recordado pelos estudantes para não se cair nos mesmos erros. E vê com otimismo algumas tentativas de Arquitetura regional, na Patagônia, onde chilenos e argentinos estudam uma arquitetura própria, diferente do que os arquitetos de Buenos Aires querem para a região.

A arquitetura nos próximos anos, em sua opinião, deverá ser como a que fazem Barragam, no México, Mariano Arana, no Uruguai e Severiano Porto e Joaquim Guedes, no Brasil. Uma arquitetura feita com recursos modestos, mas de grande qualidade e imaginação. "Temos que ensinar nas nossas Faculdades que para fazer uma Arquitetura criativa não se necessita alta tecnologia. Na busca da simplicidade dentro da qualidade e de modelos ligados a nossa realidade está o caminho da arquitetura latino-americana", finaliza Vedia.

A saída para essa sociedade, que se encontra perdida entre a crise econômica e a insegurança quanto ao futuro, estaria para Rodolfo Terragno autor do livro "La Argentina del siglo XXI", em enfrentar o conflito e discutir que país se quer construir e então trabalhar para a sua realização. Na continuidade democrática e na incorporação urgente da tecnologia e da investigação científica está, enfim, a possibilidade da Argentina terminar o século XX modernizando-se. Para tal, a sociedade deve abandonar a postura ligada ao passado e discutir o futuro. Fundamental é colocar o país em dia com o progresso, conclui Terragno.